

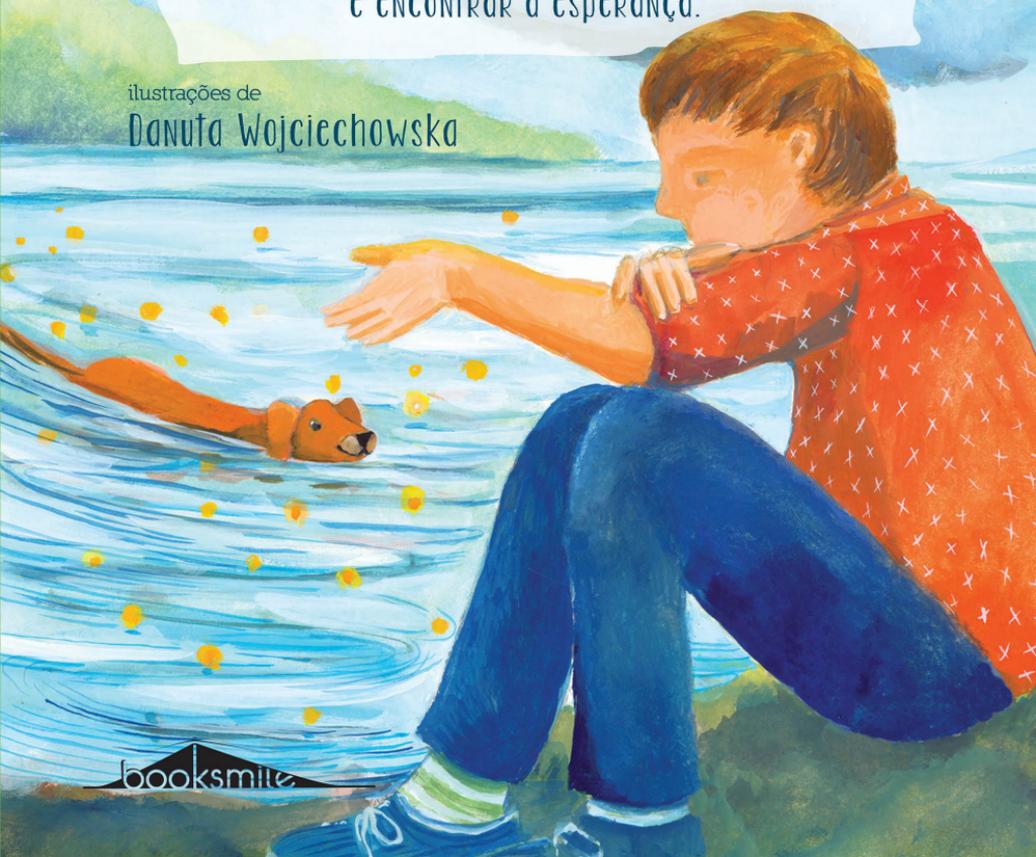
coleção  
[ a escolha  
é minha ]

Margarida Fonseca Santos

# Reconstruir os dias

Mesmo quando parece impossível, o segredo  
é encontrar a esperança.

ilustrações de  
Danuta Wojciechowska





## Filipe

Hoje foi o meu primeiro dia de férias.

Hoje foi o primeiro dia normal, se é que isso pode existir, depois do que aconteceu.

Hoje foi o primeiro dia em que estar de férias foi uma coisa estranha e assustadora.

Hoje foi o meu primeiro dia rotineiro (o que será isso, afinal?) de filho sem mãe.

Olhei para a Mercedes e vi como mantinha, sem descanso, o coto a fingir de cauda a agitar-se, embora o focinho se mantivesse preso ao meu joelho. Continuavam ambos imóveis, joelho e focinho, pois foi no meu joelho que pousou a cabeça

assim que me sentei. Deslizei para o chão, talvez para a abraçar, ou talvez na esperança de que ela me abraçasse de volta, embora o desfecho fosse, como seria de esperar, bem diferente. Lambeu-me a cara e tentou, com alguma trapalhice de cachorro, subir para o meu colo.

Hoje foi o primeiro dia em que deixei que o fizesse. Aninhou-se quieta com os olhos a observar-me de forma intermitente, sempre sem mexer a cabeça, a espiar-me a tristeza de forma pouco dissimulada, enquanto eu a enchia de festas — tem um pelo tão macio! — e lhe acariciava as orelhas.

Não o fiz por ter decidido mimá-la mais, isso seria impossível. Era a cadela mais mimada que existia num raio de milhentos quilómetros. Foi apenas porque me sentia o rapaz mais infeliz do mundo. Não, do universo. Enfim, talvez estivesse a exagerar, mas era assim que me sentia, e, entre mim e a Mercedes, não havia segredos. Ela entendia.

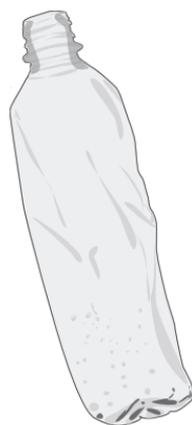
Pelos meus pensamentos passavam imagens desorganizadas. Visitavam-me farrapos de conversas, cenas, frases, abraços, cheiros, tudo. Havia uma memória a impor-se, talvez por ser a que traçava a fronteira entre o antes e o depois, e repetia-se

na minha mente: o meu pai, branco e incrédulo, de telefone esquecido na mão, e aquela frase a mudar o meu mundo.

— Filipe, pega no casaco. A mãe teve um desastre, está no hospital. Anda!

Larguei tudo o que estava a fazer sem me preocupar com mais nada. O computador ficou aberto no sofá, a taça dos cereais pousada na mesa de vidro, onde se acumulavam também papéis do último trabalho para a escola, que não cheguei a entregar, mais um livro cheio de marcas coloridas para assinalar possíveis citações, que não cheguei a incluir. Ficou tudo abandonado. Abandonei o meu antes, entrei de mergulho no depois.

Apenas nos lembrámos de bater à porta da vizinha da frente para lhe pedir que ficasse com a Mercedes enquanto percebíamos o que nos esperava. A Juliana nem vacilou. Chamou-a e mostrou-lhe uma garrafa de plástico vazia. Este é o brinquedo por excelência da Mercedes, passa horas entretida com elas, mordendo, saltando à volta, escondendo. Despedimo-nos sem cerimónia e metemo-nos no carro.



Não conversámos durante a viagem. O pai só disse que a mãe tinha perdido os sentidos e o controlo do carro. Despistara-se por isso, embora fosse devagar, nunca gostara de acelerações. Não comentei. O meu coração é que estava tão acelerado que me doíam as costelas. Não sei quanto tempo demorou o trajeto, pareceu-me uma eternidade. Também me pareceu uma crueldade não podermos simplesmente largar o carro em qualquer sítio. Nem sei como o meu pai foi capaz de o estacionar antes de desatar a correr para as urgências. Eu corri atrás dele e, pela primeira vez desde que me lembro, não fui capaz de o ultrapassar.

Esbarrámos com as regras do hospital, regras que nos pareceram, por instantes, absurdas. Só podia entrar uma pessoa para a zona resguardada. Era assim, como seria de esperar, mas isso deixava-nos a desesperar. Olhou para mim, hesitou, e eu gritei-lhe:

— Despacha-te! Eu fico aqui, vem dar-me notícias.

Mas ele hesitara porque o meu avô Domingos coxeava com pressa na nossa direção, até se colocar atrás de mim e me abraçar, permitindo assim que o meu pai corresse para dentro. Mesmo assim,

achei aquilo tudo uma loucura. A minha mãe era a sua única filha! Mas eles lá devem ter combinado qualquer coisa por telepatia, porque não houve sequer discussão. O pai desapareceu, acompanhado de um auxiliar que o levou, segurando-o por um braço. Foi esse gesto que me disse a verdade: a coisa só podia ser muito grave. O depois chegara sem aviso.



## Domingos

Podia sentir o bater do coração do Filipe enquanto o abraçava pelas costas. Os dois de olhar perdido naquelas portas que se fechavam, engolindo o Gustavo. Eu sabia um pouco mais do que o meu neto, mas era uma pequena diferença gigantesca, capaz de me esmagar. Calculava que o pai não lhe tivesse contado muito mais do que um resumo do acidente. Mantive-me calado, a segurá-lo junto a mim ou, talvez, a tentar protegê-lo do que aí vinha.

O despiste fora apenas uma consequência do aneurisma cerebral que se lembrara de explodir naquela cabeça linda, cheia de vida, de ideias, de

ternura e de competência. Não era por ser minha filha, mas a Rosarinho era uma mulher trabalhadora e criativa, dedicada à ciência, capaz de inventar soluções para ecossistemas em crise. Reconhecida além-fronteiras, encontrava-se agora cercada por hipóteses sombrias. Naquela noite, era o seu microssistema que enfrentava o perigo, criando um abalo de dimensões dramáticas.

O médico que nos telefonou foi toda a vida colega e amigo do Gustavo, o António. Cresceram juntos, no mesmo bairro, com percursos iguais na escola e na profissão selecionada. A única diferença aparecera na escolha das especialidades. Nenhum seguiu para Radiologia, que é o meu mundo. O António foi para Neurocirurgia e o meu genro para Pneumologia. Mas qualquer um de nós, aí estávamos os três em pé de igualdade, sabia o que queria dizer um aneurisma cerebral inoperável. Uma palavra apenas a desmontar a esperança: i-no-pe-rá-vel. A Rosarinho poderia nunca recuperar uma vida normal ou perdê-la, e eu, naquela terrível aflição, não sabia qual das soluções seria a menos penosa...

— Explica-me, avô, eu sei que sabes o que aconteceu.

Sentámo-nos na sala de espera, a abarrotar de dramas, uns talvez tão maus como o nosso. Rostos cansados e ansiosos faziam parte do cenário real daquele espaço. Se eu quisesse, podíamos entrar sem autorização. Afinal, aquele fora o meu hospital até me reformar, todos me conheciam. Mas eu não iria deixar que o Filipe assistisse ao que acontecia do outro lado das portas.

— É grave, muito grave.

— Já sei que foi por isso que se despistou. Só não sei o que é esse «isso».

— Vamos ver, vamos ver...

— Fala comigo, avô! Tenho treze anos, não sou um bebé!

Acabara de perder as estribeiras, o Filipe, mas não lhe ralhei. Tinha todo o direito de estar descontrolado. Também me apetecia dar um berro. Só não dava para não o assustar ainda mais.

— Desculpa, avô, não devia ter gritado.

— Não faz mal. Eu percebo. Mas deixa só passar uns minutos, pode ser? Já te explico.

— É mesmo mau, já percebi... — concluiu.

Tive de acenar que sim, que mais podia eu fazer? E o Filipe estava cheio de razão, não era uma criança indefesa, tinha todo o direito de

saber a verdade. Só que eu, em toda a minha vida de médico, nunca me vira numa situação tão difícil — a de explicar ao meu neto, filho único da minha única filha Rosário, o que se passava e o pouco que se poderia fazer por ela. A nós, provavelmente, caberia a dura tarefa de aprender a viver sem a sua presença. Seria um caminho quase impossível de trilhar, mas disso ainda não sabíamos. Lembro-me de ter pensado num besouro. Uma lembrança tola, naquela situação. Um besouro a chocar contra as lâmpadas que iluminam as praças.



— Filipe?

— Estou aqui, pai.

A Mercedes, que se habituara desde aquele primeiro dia a estar em cima de mim, saltou do meu colo e correu na direção dele, com a metade de trás do corpo a abanar daquela forma engraçada que mais parecia uma dança. Ficava tão desengonçada! Consegui sorrir, conseguíamos sempre sorrir com as trapalhices daquela cadela, mas depressa se apagava essa aparente felicidade.

O meu pai vinha cansado e vencido. Como é que se sobrevive a uma perda assim? Como é que se vive depois de uma morte repentina e traiçoeira? A minha mãe tinha quarenta e dois anos, não era uma velha! Os meus pais estiveram casados dezoito anos, não quarenta e sete, como os avós, ou vinte e cinco, como os meus tios. Era injusto!

— Então, o que fizeste hoje? — quis saber o meu pai, fingindo-se dentro do seu papel de educador.

— Nada.

— Nada...?

— Nada.

— Isso não é bom.

— Pois não. Paciência. E o teu trabalho?

— Não fiz nada de jeito.

— Isso também não é bom.

— Pois não.

Chamei pela Mercedes, agitando a trela para que perdesse o tino e se pusesse aos saltos ao pé da porta. Não era hora de ir à rua, nada disso. Foi um golpe improvisado no momento, só para não termos de falar de novo no assunto, embora a ausência da minha mãe estivesse sempre presente, sempre connosco.

Passei a Mercedes muito mais tempo do que era necessário, mas esse também foi um truque duplo: assim, ela demoraria a pedir de novo para ir à rua, que só aconteceria perto da meia-noite, e eu evitava aqueles momentos angustiantes entre o frigorífico e o fogão.

No congelador, ainda se acumulavam caixinhas etiquetadas com refeições preparadas pela minha mãe. Fazia sempre quantidades industriais de tudo, para que pudéssemos depois não cozinhar nos dias mais stressantes ou cansativos. Só que aquele encontro com a sua letra na tampa das caixas dava sempre lugar a umas lágrimas esquisitas que não conseguíamos disfarçar. Talvez, demorando na rua, eu pudesse escapar a esse momento.

Espantei-me ao vê-lo aparecer com as chaves do carro na mão direita e uma camisola minha na esquerda. Nem protestei, ao ver que as cores não batiam certo com o que eu tinha vestido. Era um pormenor tão pouco importante. Limitei-me a ouvir a ordem e segui-lo. Íamos, os três, jantar a casa dos avós. No carro, de novo calados, disse-me apenas:

— Dei toda a comida cozinhada que estava no congelador à Juliana. Dei tudo, as caixas, também. Não consigo abrir...

— Fizeste bem — interrompi-o, concordando sem hesitar, pois fora a única coisa que me ocorrera dizer-lhe. — Os avós sabem que vamos lá?

— Não.

— Está bem. Então, para aí à frente. Vou comprar um gelado daqueles de que a avó gosta.

Saí de forma bastante decidida, o que correu muito mal, pois não tinha dinheiro comigo. Mas eu e o meu pai parecíamos sintonizados sem necessidade de grandes conversas. Quando voltei atrás, o vidro estava aberto e, para além da cabeça da Mercedes, um porta-moedas acenava-me.

Os meus avós tinham comida para todos, mas isso nunca me admirava. A avó Lucinda é o que se chama «uma mulher de armas», pelo menos, é o que dizem dela. Cozinhava sempre para um batalhão. Eu sabia que estava a sofrer muito, mas a minha avó conseguia fazer de conta de que o nosso desgosto era pior do que o dela. Não sei como o fazia... Gosto tanto da minha avó.



## Domingos

Não sabia se era uma boa solução, mas pareceu-me importante sugeri-la. Gostávamos de ir para a aldeia passar o verão e já estava na altura de o fazer. Se o meu genro antecipasse as férias (quem poderia criticá-lo?), iríamos para lá os quatro e a cadela, claro, que gostava de estar mais solta. Se concordassem, podíamos partir logo no final da semana.

A Lucinda receava que depois fosse pior o regresso à casa, às memórias, às rotinas, mas não podíamos deixar o Filipe sozinho. Ficaria ali, com os dias sem aulas a desocuparem-no, e com os amigos longe ou desmobilizados. Passados aqueles

primeiros instantes, teriam deixado de pensar na tristeza do meu neto, que provavelmente lhes aruinava as combinações típicas de estudantes em férias. Passava horas com a Mercedes e com a revolta de ter ficado sem mãe.

Argumentei que na aldeia também seria preciso enfrentar as recordações, pois sempre foi nosso hábito passarmos uns dias por lá, todos juntos. Os pais do Gustavo viviam fora do país e ainda trabalhavam. Embora tivessem permanecido vários dias na cidade com o intuito de apoiar o filho, naquele momento haviam regressado a casa. Talvez fosse mais simples sobreviver àqueles momentos estando os dois connosco, pelo menos para o Filipe. De qualquer forma, utilizei uma chantagem emocional que me parece perfeita: disse à minha querida Lucinda que, se eles não fossem connosco, nós também não iríamos para longe. Ela sorriu, triste.

— Como é óbvio, Domingos... como é óbvio.

Expusemos-lhes a ideia, sem rodeios nem explicações. Para nosso espanto, aceitaram-na com uma sofreguidão que não prevíamos. Percebemos de imediato que os dias rotineiros sem a Rosarinho estavam a mostrar-se devastadores para ambos. Talvez fosse pior do que imaginávamos. Reagi de

imediatamente, fingindo-me muito mais entusiasmado do que estava, e comecei a falar sem parar. Falo sempre demais quando estou nervoso. O Gustavo encarou-me de frente e pousou a mão no meu braço, interrompendo aquelas frases atrapalhadas que eu não dominava:

— Agradeço-vos imenso. A vossa ajuda é muito importante.

Os olhos da minha querida mulher encheram-se de lágrimas e os seus gestos de pressas. Levantou-se de uma forma quase ágil para mudarmos o cenário e comermos o tal gelado. Percebi que fazíamos todos um enorme esforço para fingir que nos sabia bem. Contudo, dei por mim a pensar que, se fingíssemos com muito empenho, talvez nos soubesse mesmo bem. Quase consegui. Era como o besouro...



— A mãe nunca me disse uma coisa dessas!  
— gritei.

O meu pai encheu-se de fúria. Conseguia senti-lo na forma como cerrava os dentes. Não fosse

toda aquela situação em que nos encontrávamos, e eu teria merecido, no mínimo dos mínimos, um valente tabefe. Mesmo assim, enfiei-me no quarto e bati com a porta. Sabia muito bem que o estava a provocar. Mas, por uma razão qualquer esquisita, era isso mesmo que eu queria. Uma guerra!

A discussão começara minutos antes. O meu pai apanhara-me a passear a Mercedes com um cigarro na boca. Eu não estava a fumar, mas ele nem tivera tempo de se aperceber disso. Eu sabia lá fumar! Encontrara o cigarro na mochila da escola, fruto de um qualquer intervalo em que alguém me tinha oferecido um. Na altura, se bem me lembro, fingi que não queria usá-lo logo, mas mostrara-me entusiasmado com ele, para manter as aparências. Guardei-o.

O pior é que eu fizera de propósito. Vira o carro dele chegar, tirei o cigarro do bolso, onde o tinha enfiado antes de descer, e pu-lo na boca, como quem fuma. Precisava de o pôr à prova. Às vezes, fazem-se coisas muito estúpidas...

Quando o meu pai aparecera ao pé de mim, nem tentei disfarçar, e isso irritara-o.

— O que é que estás a fazer?

— Não sabes? Estou a fumar. Queres que te ensine?

Ele arrancou-me o cigarro da boca e esfregou-o no chão.

— Muito bem! Bravo! — zangou-se. — Como se não tivéssemos já coisas com que nos preocuparmos, agora vais começar a fumar. Com sorte, até apanhas um cancro do pulmão!

Era isso que queria, pude senti-lo pela satisfação que me deu. Queria que o meu pai tivesse medo de que eu morresse, de que eu adoecesse. Como era pneumologista, fora bem jogado. Queria ter a certeza de que se preocupava comigo!

A porta do quarto abriu-se. Não depois de eu ter batido com ela, como eu previra, mas bastante tempo depois. Aqueles minutos em que estive sozinho encheram-me de raiva e revolta. Repetia dentro de mim que ele só pensava na sua viuvez, só isso lhe interessava. Conseguia ver crescer, nas minhas entranhas, um desprezo por ele que me consumia. Estava cheio de pena de mim mesmo, e isso parecia uma sensação quase boa!

— Vais continuar aqui trancado?

— Pelos vistos, até gostas — disparei eu.

— Serias capaz de responder isso à mãe?

— E o que é que isso interessa, pai, diz-me lá? A mãe morreu, ou será que não percebeste isso? Não foi só a tua mulher que morreu, foi a minha mãe também! Eu perdi a minha mãe!

Eu estava aos gritos. A Mercedes escondera-se debaixo da minha secretária e espiava-nos com um ar assustado.

— Ah, porque achas que eu não sei disso. Se calhar, tu é que achas que foi só a tua mãe que morreu. Eu estar viúvo não te interessa. A tua dor é infinitamente maior do que a minha, claro. Coitadinho de ti! Sabes lá o que os outros sentem!

Havia tanto cinismo na voz do meu pai...

— A mãe nunca me disse uma coisa dessas! — gritei.

Cheguei-me a ele. Ia desafiá-lo. Queria um confronto físico. Apetecia-me que me batesse. Se não o fizesse, eu podia fazê-lo primeiro. O meu pai teria de responder. Levantei a mão e ele não tentou impedir-me. Esperou, resignado. Os nossos olhos presos uns nos outros. E eu consegui ver uma tristeza que nunca vira antes.

Não lhe bati. Debati-me com remorsos e pensamentos em catadupa. Abati-me, talvez fosse só isso. Já nada fazia sentido. Nem o cigarro, nem

a gritaria, nem as acusações. Deixei-me cair na cadeira e na realidade. Estava demasiado confuso para conseguir falar. O meu pai manteve-se de pé, mas segurou a minha cabeça de encontro ao seu tronco, enquanto eu chorava de arrependimento, já sem qualquer raiva. Tudo porque me dissera que eu era um insensível e que não sabia avaliar os sentimentos dos outros. Tudo porque eu achava que a minha mãe nunca seria capaz de me dizer tal coisa...

— Desculpa, pai, desculpa.

— Não tens de pedir desculpa, se alguém falhou, fui eu. Não penso nada do que disse, mas tu sabes disso, não sabes? — Acenei que sim. — Eu também sei que tu não estavas a falar a sério. — Voltei a acenar que sim. — Estou tão perdido quanto tu, filho. Não sei o que fazer. Como é que se sobrevive a isto?

Afastei a cara dele e observei-o. Estava tão cansado, tão vencido, tão convencido de que era um mau pai... Levantei-me e abracei-o com muita força. Precisava de lhe mostrar como isso era mentira, não sei se fui capaz.

A Mercedes, com um excelente sentido de oportunidade, pôs-se de pé nas patas de trás, a pedir

mimo. Rimo-nos, no meio de todo aquele sentimento estranho que nos torpedeava os pensamentos.

Tínhamos prometido aos avós ir buscá-los ao fim da tarde, jantaríamos pelo caminho. Íamos para a aldeia. Foi preciso avisá-los de que estávamos muito atrasados. Foi a vez de o meu pai pegar na Mercedes e inventar um passeio. Não o levei a mal. Eu ainda não tinha a minha mala preparada, ele sim.

Saiu. Acho que levou com ele uma parte de mim, talvez para a deixar num caixote do lixo, nalgum contentor de reciclagem emocional. Levou aquela raiva e aquelas parvoíces. Fiquei mais sossegado. Fiquei muito mais triste.

## Domingos

— *Compreendo-te perfeitamente, Gustavo. Nem precisavas de me contar isto. Considero-te um pai extraordinário, nunca senti nada do que dizes. Tu não és violento. O teu filho também não. Mas a situação sim, a situação é muito violenta. O Filipe precisava desse confronto. Acho que o geriste de forma exemplar! Eu não sei se seria capaz...*

— Obrigado, pai Domingos. Fiquei desorientado. Desculpe a demora. Por volta das dez estamos aí. Já não falta muito.

— Não te preocupes, venham quando puderem. Nós também vamos comer qualquer coisa e depois é só avançar.

Foi um telefonema demorado. Percebi, pelo ruído dos carros e do vento, que me falava da rua. Contou-me a cena com tantos pormenores que soube que a recebia inteira, sem censuras.

Que mais podia eu dizer? A Rosarinho, sendo rapariga e, talvez, menos dada a estes desaforos, nunca me dera motivos de zanga forte. Já com a minha Lucinda, era diferente. Discutiam muito, mas parecia típico de mães e filhas. Adoravam-se, mas estavam sempre a embirrar nas coisas mais pequeninas. Tão depressa estavam felizes juntas, como depois se irritavam. Isso só passou quando o Filipe chegou aos dez anos. A partir daí, tudo acalmou. Devia ser uma afirmação de personalidade... ou de maternidade. Que sei eu disso?



Podia, contudo, imaginar o sofrimento do meu genro e a necessidade de me contar o que se passara. O Filipe podia dizer-me qualquer coisa, ou à Lucinda, e o Gustavo preferia que soubéssemos por ele o que acontecera. Fez bem, a meu ver.

Quando transmiti a mensagem à minha companheira de vida, manteve-se em silêncio. Não fez qualquer comentário. Ouviu, só isso. Calculo o que lhe visitava os pensamentos. Não a forcei a dizer-me nada, respeitei aquela não resposta. Mas senti como se preocupava, como se angustiava com aquilo.

Comemos em frente à televisão, uma sopa e umas torradas. Jantávamos sempre pouco, a idade obrigava-nos a não ir para a cama de barriga cheia. Não sei se retivemos alguma notícia, penso que não.

Esperámos o toque para descermos. Iríamos em carros separados, mas faríamos juntos a viagem. Eu nunca gostei de guiar à noite, mas não ia estragar os planos do Gustavo e do Filipe.

As bagagens pareceram-me muito mais bem preparadas do que nós para os dias seguintes. Quando a campainha soou, assustámo-nos. Faríamos juntos aquela viagem para o desconhecido.

Crescer é um desafio enorme. Mas, às vezes, é difícil decidir que caminho devemos seguir. *A Escolha É Minha* é uma coleção sobre as opções que tens de tomar todos os dias, com histórias de vida contadas por jovens, tais como tu.

Esta história, *Reconstruir os Dias*, podia bem ser a tua ou, quem sabe, a de alguém que conheces.

Filipe, Gustavo e Domingos — três gerações, a mesma perda. Num momento em que a vida parece deixar de fazer sentido, e a saudade se torna quase insuportável, filho, pai e avô começam a reconstruir o que pensavam já não ser possível após a morte de Rosarinho: os dias.

Três ajudantes um pouco improváveis tomam parte ativa nessa reconstrução: Mercedes, uma cadela adorável; Aparício, que, além do nome pouco comum, tem uma história que lhe permite saber exatamente o que sentem aqueles três; e um besouro, que, por não saber que não era suposto voar, voa sem receio.

Na amizade, na entreatajuda e no respeito pela individualidade, reconstroem-se então os dias, um por um.

Lê os outros títulos  
desta coleção:



 livros que saltam à vista 20 20 editora	ISBN 978-989-8849-10-6   9 789898 849106 Literatura Juvenil
---	---